

Leitura e produção de textos

Unidade 5: Discurso citado: como mencionar a voz do outro em nosso texto

Objetivos

- Conhecer e praticar diversas formas de fazer citações, por meio do uso de recursos linguísticos específicos para isso;
- Compreender a diferença entre citação e cópia.

Nesta unidade, vamos conhecer e praticar diversas formas de fazer citações, por meio do uso de recursos linguísticos específicos para isso, com foco na compreensão da diferença entre citação e cópia.

Discurso citado: como mencionar a voz do outro em nosso texto

Quando dizemos algo, oralmente ou por escrito, fazemos ouvir nossa “voz”, mas, muitas vezes, também fazemos ouvir as “vozes” de outras pessoas. Observe o diálogo:



Fonte: Univates (2018).

No diálogo, conseguimos identificar duas pessoas conversando, mas ambas falam sobre uma terceira pessoa. Repare que, na cena, o rapaz pergunta para a menina se o pai dele lhe deu dinheiro. Prontamente, ela responde que não e ainda completa a informação dizendo que **o seu pai disse que**, para ela conseguir dinheiro, teria que trabalhar.

Justamente por isso aparecer tanto em diálogos cotidianos, esse fenômeno é abundante na literatura. Observe o seguinte trecho do início do livro literário *O pequeno príncipe*:

I

Certa vez, quando tinha seis anos, vi num livro sobre a Floresta Virgem, "Histórias Vividas", uma imponente gravura. Representava ela uma jibóia que engolia uma fera. Eis a cópia do desenho.



Dizia o livro: "As jibóias engolem, sem mastigar, a presa inteira. Em seguida, não podem mover-se e dormem os seis meses da digestão."

Refleti muito então sobre as aventuras da selva, e fiz, com lápis de cor, o meu primeiro desenho. Meu desenho número 1 era assim:



Mostrei minha obra prima às pessoas grandes e perguntei se o meu desenho lhes fazia medo.

Respondera-me: "Por que é que um chapéu faria medo?"

Meu desenho não representava um chapéu. Representava uma jibóia digerindo um elefante. Desenhei então o interior da jibóia, a fim de que as pessoas grandes pudessem compreender. Elas têm sempre necessidade de explicações. Meu desenho número 2 era assim:



As pessoas grandes aconselharam-me deixar de lado os desenhos de jibóias abertas ou fechadas, e dedicar-me de preferência à geografia, à história, ao cálculo, à gramática. Foi assim que abandonei, aos seis anos, uma esplêndida carreira de pintor. Eu fora desencorajado pelo insucesso do meu desenho número 1 e do meu desenho número 2. As pessoas grandes não compreendem nada sozinhas, e é cansativo, para as crianças, estar toda hora explicando.

Tive pois de escolher uma outra profissão e aprendi a pilotar aviões. Voei, por assim dizer, por todo o mundo. E a geografia, é claro, me serviu muito. Sabia distinguir, num relance, a China e o Arizona. É muito útil, quando se está perdido na noite.

Tive assim, no decorrer da vida, muitos contatos com muita gente séria. Vivi muito no meio das pessoas grandes. Vi-as muito de perto. Isso não melhorou, de modo algum, a minha antiga opinião.

Quando encontrava uma que me parecia um pouco lúcida, fazia com ela a experiência do meu desenho número 1, que sempre conservei comigo. Eu queria saber se ela era verdadeiramente compreensiva. Mas respondia sempre: "É um chapéu". Então eu não lhe falava nem de jibóias, nem de florestas virgens, nem de estrelas. Punha-me ao seu alcance. Falava-lhe de bridge, de golfe, de política, de gravatas. E a pessoa grande ficava encantada de conhecer um homem tão razoável.

Fonte: Trecho do livro *O pequeno príncipe* (SAINT-EXUPÉRY, 2014, p. 7-9).

Este trecho, retirado de um dos livros mais famosos da literatura, mostra a representação de diversas vozes. No início, vemos a voz do narrador, mas logo em seguida ele insere outras vozes em seu discurso. Veja a explicação no [vídeo](#):

Podemos “ouvir” nesse trecho, portanto, pelo menos quatro vozes: a do narrador, a do livro *Histórias Vividas*, a de seu personagem quando criança e a das pessoas grandes. Todas elas são apresentadas pelo narrador de diferentes formas.

Esse fenômeno pode ser explicado por meio do termo polifonia: “O termo **polifonia** designa o fenômeno pelo qual, num mesmo texto, se fazem ouvir ‘vozes’ que falam de perspectivas ou pontos de vista diferentes com as quais o locutor se identifica ou não” (KOCH, 2010, p. 63).

Além de ser abundante nas conversas cotidianas e na literatura, esse fenômeno ocorre com frequência no discurso jornalístico. Observe a seguinte notícia: [Ciência comprova que igualdade de gênero existiu na pré-história](#).

Como podemos observar, trata-se de uma notícia de divulgação científica publicada na versão digital da revista Galileu e escrita pela jornalista Gabriela Loureiro. Quantas vozes conseguimos “ouvir” nesse texto?

Observe que o texto inicia já mencionando “um estudo científico publicado na prestigiada revista Nature” e atribuindo a ele a descoberta divulgada na notícia: de que “no começo da civilização humana (mais conhecida como pré-história), existia igualdade de gênero”. Pela maneira como a jornalista escreveu, podemos perceber que essa ideia (de que existia igualdade de gênero no início da civilização humana) é afirmada pelo estudo, não pela própria jornalista. Isso porque a jornalista, por meio do uso do verbo “mostrar” (“[...] um estudo [...] mostra que [...]”), traz para seu texto a **voz** dos responsáveis pelo estudo, indicando claramente que é essa voz que está dizendo isso.

Essa menção a diversas **vozes** é frequente no discurso jornalístico, pois as notícias e reportagens desse meio têm o compromisso de demonstrar a veracidade das informações divulgadas, deixando claro que o que está sendo noticiado são fatos, e não opiniões. Se apenas o jornalista falasse nesses textos, os leitores, ouvintes ou espectadores poderiam acreditar que o que estão lendo, ouvindo ou assistindo se trata apenas da opinião do jornalista. Por isso, ele “apaga” sua voz nesses textos, recheando-os com a voz de várias pessoas – tanto as que estão diretamente envolvidas com o fato noticiado quanto especialistas, testemunhas, representantes da população em geral etc.

No caso da notícia que estamos analisando, como se trata de divulgação científica, as vozes trazidas pela jornalista são as dos cientistas envolvidos na des-

coberta divulgada. Vamos verificar quais outras vozes a jornalista traz para dar veracidade a sua notícia:

Durante o período paleolítico, as pessoas se organizavam em tribos de coletores e caçadores e homens e mulheres tinham a mesma influência sobre as decisões dos grupos. “Existe uma percepção geral de que os coletores e caçadores eram mais machos ou dominados por machos. Nós afirmamos que foi apenas com o advento da agricultura, quando as pessoas puderam começar a acumular recursos, que surgiu a desigualdade”, disse ao jornal britânico *The Guardian* Mark Dyble, antropólogo que liderou o estudo na University College London. Segundo o especialista, a igualdade entre os sexos pode ser um dos importantes fatores que nos diferencia dos nossos parentes primatas. “Chimpanzés vivem em sociedades bastante agressivas, dominadas por homens e com hierarquias claras”.

► **Acesse o Ambiente Virtual para ler as observações sobre o trecho.**

Além da voz dos cientistas responsáveis pelo estudo divulgado na notícia, porém, a jornalista mostra também outras vozes em seu texto:

Parece uma grande descoberta, mas na verdade é apenas uma prova científica do que teóricos falam há bastante tempo. O filósofo Jean Jacques Rousseau (1712-1778) refletia sobre a oposição entre natureza e sociedade e o possível equilíbrio entre as necessidades básicas do ser humano com as do meio físico. Para ele, a origem dos males da civilização, como a desigualdade, estava no aparecimento da propriedade privada, que produzia uma forma de conduta moral degenerada das pessoas, com sentimentos como o egoísmo e o desejo de posse.

Já a escritora e filósofa Simone de Beauvoir defendeu em seu livro *O Segundo Sexo* que a hierarquização dos sexos é uma construção social, não uma questão de biologia. Para ela, a condição da mulher na sociedade é uma construção da sociedade patriarcal, que teve início com o surgimento da propriedade privada. Ou seja, **quando alguém lhe falar que as mulheres são biologicamente diferentes dos homens e por isso recebem salários menores ou estão em desvantagem em qualquer área, você pode desmentir a informação com pesquisas científicas. De nada!**

► **Acesse o Ambiente Virtual para ler as observações sobre o trecho.**

Na notícia que lemos, portanto, conseguimos “ouvir” quatro vozes: a voz da jornalista que a escreveu, a voz do cientista Mark Dyble, responsável pelo estudo divulgado, e as vozes dos dois teóricos citados (Rousseau e Beauvoir). Ao convocar todas essas pessoas para “falarem” dentro de seu texto, a jornalista causa o efeito de veracidade, demonstrando que o leitor pode acreditar na informação divulgada por ela, por estar baseada em fontes confiáveis. Observe também que a jornalista, ao citar as ideias do cientista e dos filósofos, não “mistura” suas próprias ideias com as deles: fica claro que, ao citá-los, ela está reproduzindo as afirmações de suas fontes, e sua própria “voz” aparece apenas ao final da matéria, deixando claro, para o leitor, que suas ideias não se confundem com as ideias das pessoas que ela citou.

Essas vozes que “ouvimos” no texto são **discursos** de outras pessoas, além do discurso do produtor do texto. Quando utilizamos o enunciado de outra pessoa em nossos textos podemos dizer que estamos fazendo uma **citação**.

Como pudemos perceber nos exemplos que vimos, há dois tipos básicos de citações:

- as que causam o efeito de reproduzir fielmente as palavras ditas → **citações diretas**
- as que causam o efeito de traduzir o conteúdo dito, porém com outras palavras → **citações indiretas**

Em ambos os casos, trata-se de citações – ou seja, da menção **explícita** à voz de outra pessoa. Tanto no exemplo do livro *O pequeno príncipe* quanto no exemplo da notícia de Gabriela Loureiro, os autores se preocuparam em dizer explicitamente quem eram os “donos” das “vozes” que citaram: o livro *Histórias Vividas*, as pessoas grandes, o cientista Mark Dyble, o filósofo Jean Jacques Rousseau, a filósofa Simone de Beauvoir.

É um erro comum pensar que, só quando fazemos citação direta (reprodução fiel das palavras ditas por uma pessoa), precisamos mencionar o nome da pessoa que estamos citando. Na citação indireta (paráfrase, menção às ideias de outra pessoa com nossas palavras), também precisamos dizer quem é o “dono” da ideia que estamos citando. Senão, vai parecer que aquela ideia é nossa, o que é considerado **plágio**.

Estamos cometendo plágio toda vez que reproduzimos as ideias de outra pessoa sem dar-lhe o devido crédito, o que faz nosso leitor supor que aquelas ideias são nossas. É como se roubássemos as ideias de outra pessoa – justamente por isso, o plágio é considerado um crime.

Por exemplo, imagine hipoteticamente que a jornalista Gabriela Loureiro, em vez de redigir sua notícia da forma como fez, a redigisse assim:

O homem das cavernas não era tão primitivo assim. No começo da civilização humana (mais conhecida como pré-história), existia igualdade de gênero.

Durante o período paleolítico, as pessoas se organizavam em tribos de coletores e caçadores e homens e mulheres tinham a mesma influência sobre as decisões dos grupos. Existe uma percepção geral de que os coletores e caçadores eram mais machos ou dominados por machos. Foi apenas com o advento da agricultura, quando as pessoas puderam começar a acumular recursos, que surgiu a desigualdade. A igualdade entre os sexos pode ser um dos importantes fatores que nos diferencia dos nossos parentes primatas. Chipanzés vivem em sociedades bastante agressivas, dominadas por homens e com hierarquias claras.

Fonte: Univates (2018).

Observe que, em todas as frases, não há nenhuma marca que indique a autoria das ideias. Qual é o efeito que isso causaria no leitor? De que todas as ideias são da própria jornalista Gabriela Loureiro. Ao ler um texto escrito dessa forma, o leitor teria a impressão de que a jornalista está se referindo a fatos já conhecidos e a ideias próprias. (Nesse caso, inclusive, o texto deixaria de ser uma notícia, pois não estaria mais noticiando uma descoberta feita por alguém, e sim apenas comentando fatos já sabidos, já conhecidos.)

Mas o mais problemático, em um texto redigido dessa forma, é que a jornalista, ao deixar de mencionar o estudo e o cientista responsável por ele, estaria **se apropriando** de ideias que não são dela, fazendo o leitor pensar que a autoria é dela. Isso seria extremamente grave! Para piorar, os trechos que antes estavam entre aspas, ao serem mencionados sem as aspas, deixariam de ser citações diretas e passariam a ser **cópia**. Dessa forma, além de se apropriar das ideias de outras pessoas, a jornalista estaria roubando também as palavras dessas pessoas, tornando o plágio ainda mais grave.

Infelizmente, essa prática – copiar trechos de textos de outras pessoas sem indicar a autoria, sem fazer a citação adequada – não é incomum, especialmente desde o advento da internet. A prática de “copiar e colar” trechos encontrados na internet para compor um trabalho escolar é frequente, afetando a qualidade da escrita dos acadêmicos e contribuindo com o crime do plágio.

► O vídeo [Geração copy cola](#) (paródia da música *Geração Coca-cola*, da banda *Legião Urbana*) ilustra bem essa realidade.

Dessa forma, vários estudantes ingressam nas universidades sem terem aprendido a citar adequadamente as ideias de outras pessoas, o que os torna propensos ao plágio.



Desafio

Para saber mais sobre o que é o plágio e como evitar cometê-lo, você pode ler a [Cartilha sobre plágio](#). Depois acesse o fórum **Nem tudo que parece é - entenda o que é plágio**, no Ambiente Virtual, e realize o exercício proposto.

O plágio é mais frequente no ambiente acadêmico – justamente o ambiente que mais demanda das pessoas a habilidade de fazer citações adequadamente!

Assim como ocorre no discurso jornalístico, no discurso acadêmico/científico também é frequente a menção a diversas **vozes**, pois os textos acadêmicos têm forte compromisso com a verdade e com a validade de suas afirmações, devendo ficar claro que elas não são meras opiniões ou especulações. O acadêmico, assim como o jornalista, também precisa “apagar” sua voz nos textos que escreve, recheando-os com a voz de outras pessoas – pesquisadores, cientistas, autores renomados de sua área, que confirmam credibilidade ao que está dizendo. Portanto, no ambiente acadêmico, é ainda mais necessário saber citar adequadamente as ideias de outras pessoas e não plagiá-las.

Para citar adequadamente as ideias de outras pessoas em seu texto, você deve:

- a cada trecho consultado (em livros, revistas, jornais etc., físicos ou digitais), anotar a fonte: título do texto, nome do(s) autor(es), local em que o texto foi publicado, link (no caso de texto digital). Também é necessário anotar o número da(s) página(s) de onde foi(foram) retirado(s) o(s) trecho(s) consultado(s). Essas informações serão necessárias quando você citar o(s) trecho(s) em seu próprio texto;
- ao mencionar em seu próprio texto o(s) trecho(s) consultado(s), citá-lo(s) adequadamente:
 - colocá-lo(s) entre aspas (se for reproduzi-lo(s) literalmente) ou parafraseá-lo(s);
 - SEMPRE mencionar a autoria dos trechos citados, por meio de:
 - conectores de conformidade (**para, conforme, segundo, de acordo com, como** etc.);
 - verbos de dizer.
- se citar trechos de textos diferentes, mencionar a autoria de cada um. Caso cite mais de uma vez trechos de uma mesma autoria, deve-se mencionar essa autoria a cada vez que citar um trecho seu;
- JAMAIS misturar suas próprias ideias com as ideias das pessoas que você citar.

O quadro abaixo mostra várias possibilidades de verbos de dizer que podem ser usados para citar adequadamente a voz de outras pessoas em nosso texto:

admitir	alegar	aconselhar	advertir
acrescentar	afirmar	acreditar	arguir
alertar	argumentar	assegurar	assinalar
citar	crer	desmentir	destacar
concluir	concordar	confessar	constatar
contestar	confirmar	contra-atacar	comentar
discursar	discordar	dizer	declarar
entender	esclarecer	explicar	explicar
exemplificar	ênfatizar	expor	falar
garantir	indagar	interrogar	justificar
mostrar	opinar	observar	perguntar
preconizar	questionar	retrucar	revelar
relatar	responder	ressaltar	salientar



Dica de site

O uso de sinônimos é uma estratégia de produção textual importante, pois, assim, você evita repetições. O site <https://www.sinonimos.com.br/> pode auxiliá-lo a buscar por palavras com sentido equivalente.

Por exemplo, se você estiver escrevendo um artigo para uma disciplina de seu curso e desejar mencionar, em seu texto, algumas informações e ideias apresentadas na notícia de divulgação científica analisada anteriormente, uma forma adequada de fazer isso seria a seguinte:

A jornalista Gabriela Loureiro, na matéria Ciência comprova que igualdade de gênero existiu na pré-história, publicada em 15 de maio de 2015 na versão digital da revista Galileu, divulga os resultados de um novo estudo que mostra que, no período paleolítico, as mulheres tinham tanta influência quanto os homens nas decisões tomadas nas tribos, e a desigualdade de gênero surgiu apenas com a agricultura.

A partir dos resultados do estudo e das afirmações de alguns pensadores sobre o assunto, a jornalista conclui: “Ou seja, **quando alguém lhe falar que as mulheres são biologicamente diferentes dos homens e por isso recebem salários menores ou estão em desvantagem em qualquer área, você pode desmentir a informação com pesquisas científicas. De nada!**” (LOUREIRO, 2015, texto digital).

Unidade 5

▶ **Acesse o Ambiente Virtual para ler as observações sobre o trecho.**

Ao final de seu trabalho, você deve colocar as referências bibliográficas de todos os textos citados. A notícia de Gabriela Loureiro, por exemplo, seria referenciada da seguinte forma:

LOUREIRO, Gabriela. Ciência comprova que igualdade de gênero existiu na pré-história. **Galileu**, São Paulo, 15 maio 2015. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/blogs/fator-x/noticia/2015/05/ciencia-comprova-que-igualdade-de-genero-existiu-na-pre-historia.html>. Acesso em: 29 dez. 2017.



Para saber mais

Saiba mais sobre citações e referências consultando o [Manual de Trabalhos Acadêmicos](#).

Nesta unidade, você conheceu as estratégias usadas para inserir a voz de outra pessoa em seu texto. Também observou como devem ser apresentadas as citações diretas e as citações indiretas.



Atividade

Agora que você conhece diversas formas de citar adequadamente as ideias de outras pessoas, vamos praticá-las! Para isso, acesse o Ambiente Virtual.

Referências

KOCH, Ingedore G. V. **A inter-ação pela linguagem**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2010. Disponível em: <https://www.univates.br/biblioteca/biblioteca-virtual-universitaria?isbn=9788572440257>.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. 50. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2014.